

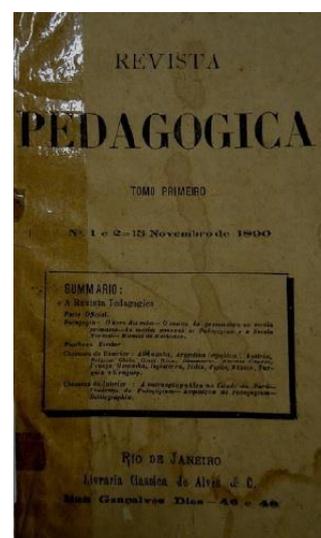


José Veríssimo e a segunda lição do curso de Pedagogia do Pedagogium (1896)

Vitor Sousa Cunha Nery, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFPA), Mestre em Educação (UEPA/PUC-RIO) e professor da Universidade do Estado do Amapá (UEAP); Líder do Grupo de Estudos Pesquisas e Práticas em Educação na Amazônia Amapaense (GEPEA), vitor.nery@ueap.edu.br

Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França, Pós-Doutora em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutora em História, Filosofia e Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Professora Adjunta do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Pará; Líder do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia-GHEDA, socorroavelino@hotmail.com

Documento: PEDAGOGIUM: REVISTA PEDAGÓGICA. Lição 2 no Curso do Sr. José Veríssimo. Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & C, 1896. p. 201-206.



A Revista Pedagógica foi criada em 1890, por Benjamin Constant, Ministro da Instrução Pública, Correios e Telegrafos, tendo sido o primeiro periódico especializado em questões educacionais, financiado pelo governo federal, e que circulou entre 1890 e 1896. Não teve uma periodicidade regular, sendo mensal no início de seu ciclo de vida, irregular em alguns anos e trimestral já mais para o fim de sua existência. O diretor da revista foi Joaquim José Menezes Vieira, sendo seu principal dinamizador, tendo sido o autor dos editoriais e também de diversos artigos (GONDRA, 1997).

O formato da Revista Pedagógica era 20 x 15 cm e com um número de páginas variável ao longo do tempo. Foi publicada pelos Editores Alves & Cia, sendo vendida de forma avulsa e por assinatura. Era distribuída gratuitamente aos professores públicos do ensino primário e aos estabelecimentos públicos de instrução, nacionais e estrangeiros.

Era composta por seções que variaram ao longo de sua existência, sendo que as mais constantes foram: **Parte Oficial**, onde eram apresentados decretos, portarias, nomeações, licenças, jubilações, exonerações, regulamentos etc.; Pedagogia, onde eram publicadas “memórias de pedagogia”; **Chronica do Exterior**, dedicada ao que se passava fora do país (notícias sobre publicações, modelos de escolas, projetos de lei, estatísticas, programas, despesas com ensino, congressos, etc.); e ainda a **Chronica do Interior**, onde eram publicadas notícias relativas a acontecimentos ocorridos no próprio país.

Em síntese, pode-se dizer que a Revista Pedagogium funcionou como um dispositivo para padronizar administrativa e pedagogicamente a escola no início da República. Esta dupla modelação seria - ou deveria ser - a responsável pela construção da ordem e pelo alcance do progresso no setor da instrução pública. Estas são, pois, a crença e a ideologia adotadas pelos produtores da revista (GONDRA, 1997).

O fim da Revista Pedagógica deve ser entendido como o término de um ciclo, no qual este periódico havia cumprido uma determinada função, isto é, de instalar a ordem republicana na escola, via disseminação e legitimação de um discurso chancelado e autorizado pelo Estado.

Dentre os vários intelectuais que publicaram artigos sobre educação nessa revista, está o paraense, José Veríssimo Dias de Matos, que nasceu em Óbidos, na Província do Pará em 1857 e faleceu no Rio de Janeiro em 1916. Ele era filho de José Veríssimo de Matos, médico militar da Colônia Militar em Óbidos, Pará, e de Anna Flora Dias de Matos.

Para dar início ao curso primário, José Veríssimo, aos oito anos de idade, em 1865, segue para Manaus, hospedando-se na casa do Tenente Coronel Inocêncio de Araújo, amigo de seu pai. No ano seguinte, em 1866, junto com os pais, muda-se para Belém, onde estuda durante três anos no Seminário Episcopal. Aos doze anos, em 1869, chega sozinho ao Rio de Janeiro e hospeda-se na casa de seu tio, o advogado Conselheiro Antônio Veríssimo de Matos (MACHADO, 2003).

Frequentou o Imperial Colégio Pedro II, em seguida o Colégio Vitória e, por fim, em 1871 estuda na Escola Politécnica, no curso de engenharia, até 1876. Com problemas de saúde, cursa apenas o primeiro ano, cancelando a matrícula e regressando ao Pará em 1876, com dezenove anos. Ao regressar ao Pará, se dedicou ao magistério e ao jornalismo. A princípio, colaborou com o em 1877 com os Jornais Liberal do Pará e Diário Grão-Pará. Fundou em 1879, o jornal trimestral Gazeta do Norte em também colaborou com os jornais Província do Pará, Comércio do Pará, e A República. Fundou e dirigiu a Revista Amazônica (1883-84) e o Colégio Americano(1884-1890) (ARAÚJO, 2008).

Veríssimo se fez jornalista e funcionário público, primeiro na Companhia de Navegação do Amazonas; depois na Secretaria do Palácio do Governo. Em 1882, participou de uma excursão, realizada pelo Governador José Lustosa da Cunha Paranaguá, ao interior da bacia Amazônica, permitindo-lhe ampliar o conhecimento acerca da realidade histórico-espacial amazônica.

O Colégio Americano ajudou José Veríssimo a manter-se, conforme carta enviada a sua noiva, em 30 de novembro de 1884, no qual afirma ter encontrado um meio de vida que lhe desse esperança de um futuro melhor, mas temia ter que abandonar suas aspirações literárias em nome da sobrevivência (BRASIL/ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1930).

Ser escritor era o grande sonho de José Veríssimo. Este era, em suas próprias palavras, “a verdadeira ambição em minha vida, desde minha primeira mocidade” (apud PEREGRINO JÚNIOR, 1957, p. 14). Paralelamente ao seu ofício de jornalista e funcionário público, começou a publicar contos, críticas literárias e impressões de viagens, juntamente com escritores e redatores de notoriedade reconhecida, nos jornais de renome da província do Pará.

Em 1881, aos vinte e quatro anos, viaja para a Europa, objetivando cuidar da saúde e participar do Congresso Literário Internacional, em Lisboa. Lá recebe a Comenda da

Ordem de Cristo, com a apresentação da memória sobre o movimento literário no Brasil. Em 1883, retoma ao Pará, voltando a colaborar nos jornais da província do Pará. Entusiasmado com assuntos educacionais, cria a Sociedade Paraense Promotora da Instrução (1883). Em 1884, funda o Colégio Americano, o qual dirige até 1890, introduzindo no Brasil a Educação Física e o Jardim da Infância. No mesmo ano casa-se com a professora Maria Elói Tavares. Em 1886, o escritor filia-se ao Clube Republicano do Pará (SALLES, 2007).

Para Motta (1930), a obra de Veríssimo abrange quatro áreas de conhecimento: literária, pedagógica, econômica e histórica. Na literária estão seus ensaios e, o que é mais importante, sua crítica literária. Na pedagógica encontram-se estudos sobre instrução pública e educação de um modo geral. Sobre esta, Motta destaca a obra “Educação Nacional” que diz tratar-se de um livro “que merece a leitura de todos os professores e pais brasileiros, bem como se impõe à meditação dos nossos legisladores e dos responsáveis pelas medidas postas em prática, em matéria de instrução” (1930, p. 23). Na economia constata-se uma preocupação com determinadas atividades, como a pesca e as discussões sobre a Amazônia. Na histórica, comprova-se seu conhecimento sobre a civilização e a vida dos povos.

Em 1889, Veríssimo realiza sua segunda viagem à Europa, para participar do X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, quando fez uma comunicação sobre O “Homem de Marajó e a Antiga História da Civilização Amazônica”. Sobre a rica Amazônia são também os ensaios sociológicos que escreveu nessa época, “Scenas da vida amazônica” (1886) e “A Amazônia” (1892). Para Motta (1930) “Scenas da vida amazônica” é a melhor obra de Veríssimo.

Em 1890, é nomeado, no Governo Interino de Paes de Carvalho, Diretor da Instrução Pública do Estado do Pará, iniciando reformas que visavam à modernização do ensino. Como Diretor da Instrução Pública inaugurou, na Escola Normal, a frequência de alunos dos dois sexos e prestigia o Museu Paraense, que, naquele momento, experimentava uma enorme decadência (MACHADO, 2003).

Em 1891, mudou-se para o Rio de Janeiro e começa a trabalhar, a contragosto, em um escritório comercial. Em 1892, com a fundação do Jornal do Brasil, de Rodolfo Dantas, José Veríssimo passa a se dedicar à crítica literária e ao magistério. Entre os anos de 1892 e 1897 dirigiu o Externato do Gyrnnasio Nacional. Neste período, lecionou Português e

História geral da América na antiga Escola Normal e regeu as cadeiras de Pedagogia e de História da Instrução Pública Brasileira no *Pedagogium*.

Em 1895, tornou-se sócio fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira cujo patrono é João Francisco Lisboa e da qual se afasta em 1911, por ocasião da eleição de Lauro Muller. Foi também sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1906, José Veríssimo prestou concurso para professor catedrático de História do Externato do *Gymnasio Nacional*, conseguindo o primeiro lugar perante a banca, constituída por Capistrano de Abreu, João Ribeiro e Dr. Eugênio de Barros Raja Gabaglia. Em 1910 e 1912 exerceu a direção da Escola Normal, falecendo em 1916, no Engenho Novo, Rio de Janeiro.

José Veríssimo, entre os anos de 1895 e 1897 foi professor de Pedagogia do *Pedagogium*. Na Revista Brasileira de 1895, publicou o texto “A Pedagogia”, lição inaugural do Curso de Pedagogia do *Pedagogium*. Inicia suas reflexões destacando que as opiniões dos estudiosos sobre a pedagogia não são unânimes. Há estudiosos que a consideram uma ciência, outros fazem dela uma arte, e ainda há aqueles que a reduzem a um conjunto de regras sem fundamento e aplicação. Para ele, a Pedagogia é uma arte, cujo valor social não se poderia medir, considerando ser ela a arte de educar. O seu campo de ação seria o homem na infância. (FRANÇA, 2014).

Na edição de 1896 da Revista Pedagógica, José Veríssimo, apresenta a segunda lição do Curso de Pedagogia comparando-a com a medicina, sobretudo na arte de observação e observação psicológica. Veríssimo (19896), explica que nem sempre os princípios abstratos da Fisiologia, Psicologia, Sociologia e a Moral, fizeram parte dos estudos da infância na Pedagogia, somente depois de muita observação e experimentação se provou a sua eficácia na prática da educação, mas mesmo assim nunca a Pedagogia deu um valor absoluto aos princípios destas ciências auxiliares.

A pedagogia prática aplica as regras gerais, os preceitos mais aprofundados tornou-se tarefa do professor e da família. Veríssimo (1896) critica que a Pedagogia aplica não só de forma geral os preceitos das ciências auxiliares como também se especializou em metodologia, ou seja, conjunto de métodos mais apropriados ao ensino, levando em consideração a idade, caráter, índole, ou temperamento do educando, ou as condições que se efetua a educação.

Veríssimo (1896) afirma que os Jesuítas foram grandes pedagogos, deram o mais incontestável exemplo da eficácia da pedagogia, quando aplicada como eles fizeram, com um alto discernimento, uma sequência de processos e uma unidade de plano jamais igualado. Os positivistas tiveram declarada admiração pelos Jesuítas, mas se tivessem praticado com todo rigor a pedagogia do seu fundador Augusto Conte, também teriam alcançado o mesmo sucesso dos Jesuítas. Nós leigos, porém não nos achamos no mesmo nível.

Segundo Veríssimo (1896), a liberdade de múltiplas formas de ensino, que não exclui, pelo contrário, produz uma anarquia, invadiram a nossa casa e nossa escola. Isso naturalmente dificulta a ação dos mestres, já diminuída também pelo acréscimo de ocupações e o aumento de programas obrigatório de ensino. Nem por isso é menos certo afirmar que a pedagogia já possui um conjunto de preceitos que constitui a teoria pedagógica ou a teoria da educação.

Diante disso, Veríssimo (1896, p. 203), questiona: haverá possibilidade das leis pedagógicas transformarem essas regras, essas normas, esses preceitos em leis, dando a esta palavra todo seu rigor científico? Ele mesmo responde:

Julgo que não, e apresenta um exemplo para explicar essa questão, “Se numa escola primária uma lição de uma hora dada a crianças será inteiramente perdida, na sua parte final, pelo menos demonstramos uma regra pedagógica, mas não ajustamos a uma lei, porque não há nessa situação relações fenomenais. Entretanto esse preceito por um lado se assenta sobre leis psicofisiologia, e de outro sobre a observação da prática pedagógica” (VERÍSSIMO, 1896, p.203).

A lei da psicofisiologia estabelece que uma criança não pode prestar atenção tanto tempo como um adulto. Outra lei dessa ciência auxiliar estatui a união íntima entre a faculdade do discernimento e a retenção. A prática do ensino verifica e confirma esta lei, pois o mestre inteligente deve procurar meios que possibilitem aos alunos compreenderem bem o que lhes ensina (VERÍSSIMO, 1896).

Da combinação da lei da psicofisiologia com a prática pedagógica, nasce o preceito que pertence tanto a filosofia como a pedagogia: “não se retém bem, se não o que compreendem bem”. Preceitos que os mestres pouco sabem ou apressados esquecem. Certos mestres antigos utilizavam demasiadamente a memória dos discípulos, entretanto,

os modernos julgam suficiente explicar engenhosamente e deixam aos educandos o trabalho de reterem o explicado. Segundo Veríssimo (1896) a verdade está no extremo entre os dois extremos: é preciso que a inteligência discirna, e compreenda; como é preciso que a memória retenha.

Veríssimo (1896) levanta os seguintes questionamentos: o que é educar, o que é educação? Para explicar emprega a fórmula de Augusto Comte, onde o fim da educação é “aperfeiçoar a ação melhorando o agente”. Por isso a educação é, quer exercida pelo Estado, quer deixada a iniciativa particular, uma obrigação eminentemente social.

Veríssimo (1896), conclui seu artigo na Revista Pedagógica, dizendo que a sociedade não pode desprezar a educação, e por seus diversos órgãos é sua obrigação indeclinável consagrar-lhe a mais escrupulosa e ininterrupta atenção. Portanto a Revista Pedagógica constitui-se como uma importante fonte para História da Educação Brasileira no início do período republicano.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. Memórias que o esquecimento não apagou: José Veríssimo – vida, obra e educação republicana. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008, Aracaju. O ensino e a pesquisa em história da educação. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008. v. 1.

BRASIL/ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Epistolário Acadêmico – Cartas de José Veríssimo à sua noiva. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, 1931a, ano XXII, nº 120, v. XXXVII. p. 491-495.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. **José Veríssimo: Diretor da Instrução Pública no Pará no Regime Republicano**. Relatório de Pós-doutoramento. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

GONDRA, José Gonçalves. O Veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: a Revista Pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, n. 188, 189, 190. p. 374-395, Jan/Dez, 1997.

MACHADO, Mônica Sampaio. José Veríssimo e a proposta da Geografia Pátria na primeira república brasileira vista através dos programas de Geografia do Gymnasio Nacional. **GEOgraphia**, Ano V - No 9, 2003, p. 85-113.

MOTTA, Arthur. In: Perfis Acadêmicos, Cadeira 18. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, 1930, ano XXI, nº 97, v. XXXII. p. 9-27.

PEDAGOGIUM: REVISTA PEDAGÓGICA. **Lição 2 no Curso do Sr. José Veríssimo.** Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & C, 1896. p. 201-206.

SALLES, Vicente. José Veríssimo e a Modernidade. **Tucunduba**, n.2, Belém, 2011. p.52-63.

fundo, embora pouco espectacular na fôrma, para o regime privado e educacionista.

Salvo melhor juizo, é este o meu parecer, agradecendo a honra do convite ao collega a quem sempre fui

Vosso admirador e amigo sincero,

AFFONSO H. DE LIMA.

Lição 2^a do curso do Sr. José Verissimo
no Pedagogium

SEGUNDO ANNO — 1896

A Pedagogia divide-se naturalmente em theorica e practica.

A primeira, firmada nas investigações das sciencias auxiliares da Pedagogia, a physiologia, a psychologia, a sociologia, a moral, estuda os fins e os meios da educação, as suas devisões naturaes, conforme as faculdades sobre que pretende agir, e ainda os modos porque sobre ellas actúa; reúne preceitos, regras, aphorismos, induzidos da applicação das leis d'aquellas sciencias á practica da educação. Como a medicina, com que a comparei, a pedagogia é sobretudo uma arte de observação, e de observação psychologica.

Os principios abstractos da physiologia, da psychologia, da sociologia e da moral, mesmo quando referentes ao homem na primeira ou na segunda infancia, não entram ou não devem entrar a fazer parte da pedagogia senão quando a observação e, até certo ponto, a experimentação provaram a sua efficacia na practica da educação. Provado está, por uma longa serie de observações e um serio accumulo de factos, que a pedagogia os incorpora e faz

seus, sem entretanto lhes dar jamais um valor absoluto, pois, como veremos, muitos são os factores que tornam eminentemente relativo o criterio dos preceitos pedagogicos.

A pedagogia pratica applica as regras geraes, esses preceitos assim apurados, á tarefa educativa exercida pelo mestre, ou pela familia. Applica-as não só na sua generalidade, mas aos casos particulares de cada uma das materias a ensinar, constituindo o que se chama a methodologia, ou o conjuncto de methodos mais apropriados ao ensino, não só quanto á materia a ensinar, mas relativamente á idade, character, indole ou temperamento do educando, ou ás condições em que se effectua a educação.

Temos dito e repetido quaes se nos afiguram as bases positivas da theoria pedagogica. As sciencias citadas concorrem cada uma para formar essa theoria, não só conforme a sua função propria, mas ainda consoante os fins, o criterio, o objecto da educação.

Si hoje, nos paizes da mesma civilisação, estamos todos de accordo sobre o principal objectivo da educação, que é preparar cidadãos e homens capazes de transmittir sem perda ás gerações vindouras o que temos recebido das gerações que nos precederam, nem sempre foi assim; e dentro desta mesma unidade de concepção ha modalidades especiaes, conforme o fim especial do *sujeito* a educar.

A educação dada ao homem que devia seguir a vida contemplativa, a vida monastica, a vida religiosa, não era a mesma que recebia o cavalleiro destinado ás emprezas de guerra, da diplomacia ou da politica. Os jesuitas, que foram grandes, incomparaveis pedagogos, deram o mais incontestavel exemplo da efficacia da pedagogia, quando applicada, como elles a sabiam applicar, com um alto discernimento, uma sequencia de processos e uma unidade de plano jamais igualada. Elles, póde-se dizer sem exagero, conseguiram verdadeiramente fazer homens, quaes os queriam e precisavam para a sua tarefa. Os positivistas, que têm com os jesuitas, pelos quaes professam declarada admiração, mais de um ponto de

contacto, os positivistas estou certo que conseguiriam a mesma cousa, se praticassem em todo o seu rigor a pedagogia do seu fundador, Aug. Comte.

Nós leigos, porém, não nos achamos no mesmo caso. A liberdade, sob as suas multiplas fórmulas, que não excluem, ao contrario produzem uma certa anarchia, invadiu a nossa casa e a nossa escola. A liberdade de pensamento—que jesuitas e positivistas não reconhecem—é justamente aquella que por assim dizer é a alma mesma da nossa vida. De sorte que, mesmo na primeira educação, o mestre encontra-se hoje com duas grandes difficuldades: a falta de plasticidade, direi melhor de ductilidade da consciencia a formar, da intelligencia a esclarecer, do character a dirigir, e a concurrencia de elementos estranhos, a familia, a imprensa, as relações sociaes, o meio extra-escolar em summa que, quando não são um estorvo á acção da escola, a diminuem senão nullificam, mediante correntes de opiniões e desejos contrarios aos d'ella.

Isto naturalmente difficulta a acção da escola e do mestre, já diminuida tambem pelo accrescimo de occupações a que o crescente augmento dos programma o obriga todos os dias mais.

Nem por isso entretanto é menos certo que a pedagogia possui já um conjuncto de preceitos, que constituem a theoria pedagogica ou a theoria da educação.

Haverá, porém, possibilidade da leis pedagogicas, isto é, de transformar essas regras, esses preceitos essas normas em leis, dando a esta palavra todo o seu rigor scientifico? Julgo que não. O que chamamos leis scientificas. «são as condições, define um lexicographo que foi tambem um philosopho, necessarias que determinam os phenomenos, as relações constantes e invariaveis entre os phenomenos ou entre as diversas phases de um mesmo phenomeno». Esta precisa definição de Littré, exclue a possibilidade de leis pedagogicas. Com effeito, os factos da educação não estão, senão pelo seu lado psychologico, sujeitos a condições

que determinem, que possamos prever e cujas relações previamente determinadas sejam constantes e invariáveis.

Quando nós dizemos por exemplo que na escola primaria uma lição de uma hora dada a crianças entre sete e dez annos será inteiramente perdida, na sua parte final ao menos, exprimimos uma regra pedagogica, mas não assentamos uma lei, porque não ha ahí relações phenomenaes. Entretanto esse preceito assenta, de um lado sobre leis da psychophysiologia, e de outro sobre a observação da pratica pedagogica. Aquellas estabelecem que a despeza da força nervosa é, de parte os casos pathologicos, proporcional ás idades, e que uma criança não póde prestar attenção tanto tempó como um adulto. Outra lei psycho-physiologica estatúe a união intima entre a faculdade do discernimento e a da retenção. A pratica do ensino verifica e confirma esta lei e o mestre intelligente procurará fazer comprehender bem aos seus alumnos o que lhes ensina, afim de que elles o retenham. Da combinação d'aquella lei com a verificação pratica nasce o preceito que pertence tanto á philosophia como á pedagogia: «Não se retém bem, senão o que se comprehende bem,» preceito que os maestros pouco sabedores da sua profissão ou apressados facilmente esquecem.

A reacção, digamos de passagem, que houve nos ultimos tempos contra a memoria, si foi justa nos sentimentos que a inspiravam, como todas as reacções excede ao que era razoavel. Certo os mestres antigos utilisavam demasiado a memoria dos seus discipulos, entregando tudo ao trabalho fatigante da memorisação.

Entretanto os modernos julgam sufficiente explicar, mais ou menos engenhosamente, e passam adiante, deixando aos educandos o trabalho de feterem o explicado. A verdade está no meio entre os dous extremos: é preciso que a intelligencia discirna, e comprehenda, como é preciso que a memoria retenha, somente realizado o primeiro *processus* psychico seguir-se á facilmente a realisação do segundo.

O que importa fazer, é verificar, pela recitação, como

dizem os americanos, da cousa ensinada, si o educando a comprehendeu e a reteve. A falta d'esta condição inutilisa quasi sempre o trabalho do mestre. A prova de que é ella necessaria, é que os mesmos que nos cursos superiores, ou fóra d'elle, ouvem explicações ou estudam isoladamente uma disciplina qualquer, sentem a necessidade de repetir a um companheiro ou a si mesmos aquillo que estudaram.

Si, pois, não ha possibilidade de leis pedagogicas, essa possibilidade existe plenamente para os preceitos pedagogicos.

Estes, como vimos, embora deduzidos da pratica e da observação do pedagogo, assentam scientificamente em leis ou principios scientificos incontestaveis. Já vimos dous exemplos e no correr destas palestras veremos muitos mais.

Esses preceitos pedagogicos, quer na sua generalidade, quer na sua peculiaridade a casos particulares, têm porém os limites que lhes impõe a relatividade da propria pratica da educação. E ainda aqui a pedagogia assemelha-se á medicina, que para agir com proveito precisa considerar o temperamento, as idiosyncrasias especiaes de cada doente. O mesmo na tarefa da educação. Os preceitos mais bem assentes da pedagogia não podem ter igual applicação a todos os alumnos de uma classe. Ha differenças de idade, de temperamento, de estado physico, de educação domestica, de raça, a que o mestre cumpre attender, quer quando propriamente ensina e instrue, quer quando, elevando a sua missão e o seu papel, visa tambem educar.

Mas, o que é educar, o que é educação ?

São muitissimas as definições que de educação se têm dado, e eu poderia trazer-vos uma lista copiosa dessas definições. Todas porém reduzidas aos seus termos mais simples, e de parte a fôrma coincidem ou concordam em que, para empregar a admiravel formula de Comte, o fim da educação é «aperfeiçoar a acção melhorando o agente», isto é visa conseguir o aperfeiçoamento da sociedade, tornando cada vez melhores as gerações que vão por sua influencia domestica

ou cívica, particular ou pública, agir sobre ella. Por isso, a educação é, quer exercida pelo Estado, quer deixada á iniciativa particular, uma obrigação eminentemente social. A sociedade não póde desprezal-a ou menosprezal-a, e por seus diversos órgãos é sua obrigação indeclinavel consagrar-lhe a mais escrupulosa e ininterrupta attenção.
